

20/06/2019

## No rés da lama: caminhadas geográficas em 'Paracatu de Baixo' - MG

**Ricardo Fernandes Gonçalves**

[Doutor em Geografia. Prof. Univ. Est. Goiás. Pesquisador do Grupo PoEMAS - Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade]



Foto: Fernando Soares

O olhar do geógrafo palmilha as paisagens, detalha as formas sinuosas do relevo, tateia amiúde o cotidiano e compreende a organização dos territórios pelo crivo das desigualdades sociais. Por isso, o geógrafo caminha com os pés na terra, os olhos nos horizontes e as interrogações entranhadas na realidade social, política, cultural e econômica de cada lugar. Sua imaginação transcende os sentidos imediatos e desenha constelações inteiras para retomar ao mundo tocando as coisas aparentemente insignificantes e ordinárias. Seu ofício arquiteta usinas de ideias e narrativas para explorar a pletora de imagens, símbolos, contradições e conflitos que palpitam todo território e sociedade. O geógrafo tem intimidade com a liberdade, a aprendizagem e o amor, como Fernão Capelo Gaivota. Sendo assim, na condição de geógrafo, minha formação e ações pedagógicas, de ensino, pesquisa e extensão, contaram sempre com a disposição para as viagens, expedições e andanças por distintos territórios. Na linguagem da Geografia, chamamos isso de trabalho de campo. E, ao caminhar, ou realizar trabalhos de campo em espaços urbanos ou rurais, em países da América Latina e Caribe, Europa ou África, fui contactando as distintas formas de organização social, moradia, línguas, culinária; relação com a terra, com as sementes, as águas e as florestas. Em cada caminhada geográfica meus olhos sondaram paisagens que dilataram o mapa de saberes urdidos no campo da própria experiência de vida. Essas reflexões, miradas no ofício da Geografia, permitem retomar algumas das minhas vivências geográficas no contexto de dois desastres envolvendo a mineração em grande escala no Brasil: o desastre da Samarco/Vale/BHP Billiton (05/11/2015) e o desastre da Vale (25/01/2019). Os dois eventos promoveram um rastro de destruição e morte na bacia do rio Doce e na bacia do rio Paraopeba, em Minas Gerais. poucos dias após o rompimento tanto da barragem de Fundão, em Mariana/MG, quanto da Barragem I, em Brumadinho/MG. Logo, nas duas situações tive a oportunidade de participar de trabalhos de campo em

idades, comunidades e assentamentos rurais engolfados pelo peso da lama-rejeito de minério de ferro. Apesar da inserção em diversos ambientes dos desastres nas bacias do rio Doce e rio Paraopeba, dos diálogos com trabalhadores, ativistas ambientais, militantes por causas territoriais e de trabalho, jornalistas e pesquisadores, ainda não conhecia Paracatu de Baixo, um dos lugares destruídos pelo dilúvio de rejeitos da barragem de Fundão. Paracatu de Baixo localiza-se no município de Mariana/MG e é um subdistrito de Monsenhor Horta. Com poucas dezenas de casas erguidas ladeadas no curso do rio Gualaxo do Norte, a vida nessa localidade fluía serena no vale dadivoso entre os cerros que tumultuam a topografia local. Sua rica história mantém eloquência com o passado das minas, contato dos trabalhadores com a terra, festas, relações de solidariedade, vizinhança e religiosidade. Portanto, conhecer Paracatu de Baixo só foi possível por intermédio de um trabalho de campo no dia 05 de junho de 2019, acompanhado por outro geógrafo e uma pedagoga. Estar com os pés no rés da lama e diante de casas, bares, igreja e escola arruinadas pela lama-rejeito suscitou refletir o quadro de pilhagem e agravo aos direitos humanos provocado pelos desastres do modelo de mineração brasileiro. Quadro que desenha uma situação contínua de abandono, memórias e corpos feridos. Há pouco mais de três anos do desastre da Samarco/Vale/BHP Billiton, dezenas de pessoas que perderam suas casas ou tiveram seus territórios de existência esfarrapados pelos rejeitos de minério de ferro continuam defrontando com os desafios de reconstrução da vida, moradia, educação dos filhos, trabalho e saúde emocional. Outros, conforme relatos de entrevistados, mobilizam forças com a militância, lutam juntos aos movimentos sociais para combaterem o vilipêndio de direitos, o furto da dignidade e as promessas falaciosas de empresas e do Estado. Lutam também contra o apagamento da memória do desastre e das trabalhadoras e trabalhadores que morreram ou adoeceram diante de tamanho sofrimento e desamparo.

Em Paracatu de Baixo, conversamos com Clarice<sup>1</sup>, cuja família perdeu a casa, móveis, documentos, álbuns fotográficos e o próprio lugar onde a vida cotidiana era lastreada por uma densa relação identitária. Diante do que resistiu das casas, as mãos de Clarice apontavam para cada lugar enquanto lembrava de vários moradores, vizinhos, amigos e familiares. Mostrou onde era o campo de futebol, o que restou da igreja e da escola, comentou dos vizinhos idosos que após o desastre e a mudança para a cidade de Mariana/MG adoeceram entristecidos, sublinhou a saudade das festas e missas, emocionou ao observar o céu azul e dizer de sua fé. Saímos de Paracatu de Baixo irrigando as palavras de Clarice na memória, conscientes de que a continuidade do modelo de mineração no Brasil é o mesmo que expor-se aos riscos de novos desastres, mais morte de trabalhadores e destruição de comunidades. Parafrazeando o escritor colombiano Gabriel García Márquez (1927-2014), é como uma “crônica de uma morte anunciada”. ■■■

1 - Nome fictício, pessoa e narrativas reais.

OB5. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.